

## MACHADO DE ASSIS SOBRE OS DEUSES DE CASACA\*

Nilton de Paiva Pinto<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa o texto que antecede a comédia *Os deuses de casaca*, de Machado de Assis, na edição de 1866. Nesse texto o autor explica as circunstâncias em que a peça foi escrita, e dá algumas explicações sobre o tema abordado na comédia – em que os deuses olímpicos, em decadência, são imaginados vivendo no Rio de Janeiro daquele tempo.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira, teatro brasileiro, comédia, Machado de Assis.

A comédia *Os deuses de casaca* teve uma primeira redação em 1864; foi escrita para ser representada nos saraus literários realizados na casa dos irmãos Joaquim e Manuel de Melo, na rua da Quitanda, n. 6. A peça, entretanto, não foi representada naquele ano; foi levada à cena em 28 de dezembro de 1865, no terceiro sarau realizado pela Arcádia Fluminense, nos salões do Clube Fluminense. (Cf. MACHADO, 2008, p. 108-109; SOUSA, 1955, p. 413) Segundo o próprio autor, nesse intervalo, “a comédia, relida e examinada, sofreu correções, acréscimos, até ficar aquilo que foi habilmente representado no sarau da Arcádia Fluminense”. (ASSIS, 2003, p. 369) Essa comédia, diferentemente das peças anteriores escritas pelo autor, foi inteiramente composta em versos alexandrinos.

Depois da apresentação ao público em 1865, a peça foi impressa em 1866, na Tipografia do Imperial Instituto Artístico. Foi essa a primeira publicação do texto, que foi recolhido por Mário de Alencar no volume *Teatro*, de Machado de Assis, em 1910. Depois, a peça apareceu no volume *Teatro*, de Machado de Assis, da editora W. M.

---

\* Este artigo foi elaborado a partir de um capítulo da tese de doutorado *O teatro de Machado de Assis – 1860-1870: uma alternativa na dramaturgia brasileira*, defendida, em 2020, no Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

<sup>1</sup> Doutor em Letras – Estudos Literários, área de concentração Literatura Brasileira, e Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Jackson, em 1937. Nesse ano teve início a publicação das obras de Machado de Assis, em 31 volumes, por essa casa editora. Esses volumes tiveram numerosas edições e/ou reimpressões. A partir de 1959, a obra completa de Machado de Assis passou, reunida em três volumes, a ser divulgada pela editora José Aguilar, depois Nova Aguilar – volumes que também tiveram diversas edições. Nessas novas edições, a comédia *Os deuses de casaca* não foi incluída.

A peça reapareceu no volume *Teatro completo*, de Machado de Assis, em 1982, com texto estabelecido por Teresinha Marinho – edição do Serviço Nacional de Teatro, coleção “Clássicos do Teatro Brasileiro”. No volume *Teatro*, da editora Globo, de 1997, *Os deuses de casaca* marcaram presença; essa edição contou com a assessoria editorial de Maria Augusta Fonseca e com a revisão de texto de Levon Yacubian. A peça foi, também, incluída por João Roberto Faria em *Teatro de Machado de Assis*, 2003, livro publicado pela editora Martins Fontes. Por fim, a peça apareceu, a partir de 2008, no volume 3 da *Obra completa de Machado de Assis em quatro volumes*, da editora Nova Aguilar; nesta edição a disposição do texto não respeita o espaço da versificação nas situações em que um verso se distribui nas falas de mais de um personagem – confundindo o leitor, fazendo-o pensar que a peça está composta por uma mistura de versos e prosa.

\* \* \*

Machado de Assis fez anteceder sua comédia, quando da publicação dela (1866), de uma dedicatória e de um pequeno texto preliminar – ambos merecedores de atenção. A dedicatória diz: “A / JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO / Dedicar este livrinho / O AUTOR.” (ASSIS, 1866, p. V) O texto preliminar, datado de 1º de janeiro de 1866, escrito em terceira pessoa gramatical, mal disfarça a modéstia afetada do autor.

José Feliciano de Castilho era irmão, dez anos mais jovem, de Antônio Feliciano de Castilho – este, poeta e tratadista do verso muito admirado por Machado de Assis. Seu nome completo era José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha; nasceu em Lisboa em 1810, veio para o Brasil em 1847 e faleceu no Rio de Janeiro em 1879. No Brasil, atuou como advogado, escritor, teatrólogo, tradutor e jornalista. Fundou o jornal *Íris*, e foi um dos proprietários do Ginásio Dramático. (Cf. SOUSA, 1960, t. II, p. 165; ENCICLOPÉDIA e dicionário internacional, s.d., v. IV, p. 2271-2272) Foi a este intelectual português que Machado de Assis dedicou seu “livrinho”.

A dedicatória é a José Feliciano de Castilho, mas o texto preliminar contém referências é a seu irmão cego, mais célebre, Antônio Feliciano de Castilho. O texto é espantosamente denso, no tocante a referências eruditas e questões técnicas, tanto da teoria teatral como da teoria do verso; ele merece atenção.

Antônio Feliciano de Castilho (Lisboa, 1800-1875), cego desde os seis anos de idade, era poeta e teórico da versificação portuguesa muito respeitado; esteve no Rio de Janeiro em 1855, a expensas do imperador d. Pedro II, para promoção do ensino primário neste país. (Cf. CASTILHO, 1856, p. 3; MOREIRA, s.d., p. 254-255) Por essa época, Machado de Assis tinha dezesseis anos; não se sabe, com certeza, se houve contato pessoal entre os dois escritores.

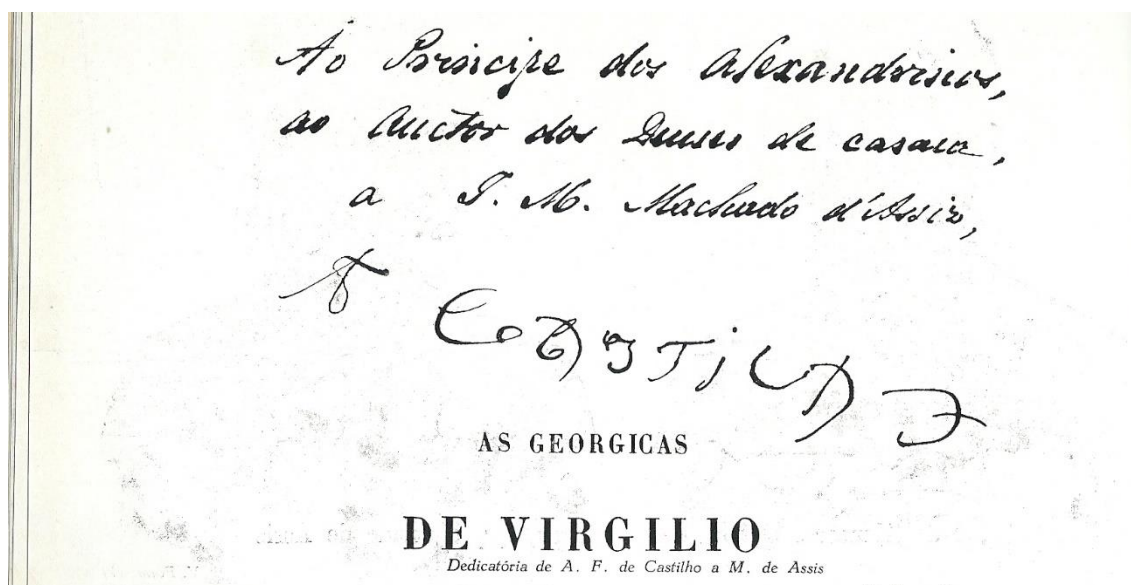
No catálogo da exposição comemorativa do “Centenário do nascimento de Machado de Assis – 1839-1939”, leem-se as seguintes informações:

A vinda dos dois Castilhos ao Brasil permitiu que Machado de Assis os conhecesse no início de sua formação literária, travando com eles e com outros portugueses aqui residentes boas relações de amizade. Antônio Feliciano de Castilho esteve no Rio em 1855, a fim de expor o seu método de “leitura instantânea”. Conheceu Caetano Filgueiras, em cujo escritório já se reuniam nessa ocasião vários poetas, entre os quais Machado de Assis. Poucos anos depois o Conselheiro José Feliciano de Castilho presidia a Arcádia Fluminense, da qual fazia parte Machado. Funcionava no prédio do Clube Fluminense da época, esquina da praça Tiradentes com a Rua Visconde do Rio Branco. Machado de Assis contava vários amigos na colônia portuguesa, entre outros José Feliciano de Castilho, Ernesto Cibrão, Manuel de Melo, Augusto Emílio Zaluar e F. Ramos Paz. A esse grupo se juntou o seu futuro cunhado Faustino Xavier de Novais, que chegou ao Rio em 3 de Junho de 1858. (EXPOSIÇÃO Machado de Assis, 1939, p. 41)

O contato do nosso autor com Antônio Feliciano de Castilho pode ser constatado em sua técnica de versificação – Machado de Assis começou a publicar poesias no ano de 1854, e seus versos refletem rigorosamente os ensinamentos do tratadista português, especialmente no que diz respeito ao alexandrino clássico (muito pouco utilizado até então por poetas de língua portuguesa). O primeiro poema composto em versos alexandrinos por Machado de Assis foi “O progresso (Hino da mocidade)”, de 1858. (Cf. MIRANDA, CAMPOS, 2018, p. 65-73; ASSIS, 2018, p. 29-31) Antônio Feliciano de Castilho era um entusiasta desse verso:

Não será fácil atinar com a razão por que um verso mais espaçoso, que todos os outros, por consequência, mais capaz de pensamento, e com uma partição simétrica, o que para o espírito de quem os faz, e para o agrado de quem os lê, é ainda uma vantagem, tem sido até hoje tão escassamente cultivado em nossa língua. Não dizemos que se prescreva o nosso heroico para dar entrada ao peregrino; mas que mal haveria em o cultivarmos em mais abundância? (CASTILHO, 1851, p. 42)

Castilho encontrou em Machado de Assis um adepto dessa ideia, tanto que, demonstrando ter conhecimento de *Os deuses de casaca* (peça composta nesse verso), enviou-lhe um exemplar de sua tradução das *Geórgicas*, de Virgílio, com uma dedicatória (no mínimo) estimulante: “Ao Príncipe dos Alexandrinos, ao Auctor dos Deuses de Casaca, a J. M. Machado d’Assiz, A. Castilho”. Apesar de cego, Castilho assinou a dedicatória:



FONTE: *Exposição Machado de Assis*, 1939, p. 52 ou p. 50 (dependendo da contagem das páginas ser feita progressivamente ou regressivamente, a partir das numeradas mais próximas).

Nem só de Antônio Feliciano de Castilho trata o texto preliminar, que Machado pôs à frente da comédia: com a modéstia afetada própria dos prólogos, busca a simpatia do leitor (a *captatio benevolentiae* dos antigos retóricos), dizendo tratar-se – a sua comédia – de uma obra “desambiciosa”; ele explica, também, que a obra lhe foi encomendada para ser apresentada num dos saraus que “alguns cavalheiros” davam “na rua da Quitanda” – na verdade, na residência dos irmãos Joaquim e Manuel de Melo. Esse sarau, que deveria ocorrer no final de 1864, acabou não acontecendo, por causa de

“um desastre público”. Raimundo Magalhães Júnior explica que tal desastre era um fato sabido de todos naquele tempo: “o violento temporal, acompanhado de granizo, que quebrou as vidraças e os lampiões da iluminação pública, inundando a cidade e deixando-a às escuras.” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 1, p. 158-159)

Não tendo sido representada no sarau para o qual foi escrita, a comédia, “relida e examinada, sofreu correções, acréscimos, até ficar aquilo que foi habilmente representada no sarau da Arcádia Fluminense, em 28 de dezembro findo [28 de dezembro de 1865], pelos mesmos cavalheiros dos antigos saraus, *arcades omnes*.” (ASSIS, 2003, p. 369) Não perdeu o comediógrafo a oportunidade de fazer alusão ao poeta latino Virgílio, em cuja *Écloga VII* se lê a expressão *arcades ambo* – expressão que se refere aos pastores Tírsis e Córídon, personagens do poema. (Cf. VIRGÍLIO, 1825, p. 86; RÓNAI, 2000, p. 28) Pela informação do autor conclui-se que os atores amadores que atuaram em *Os deuses de casaca* eram todos membros da Arcádia Fluminense e que eram os mesmos que atuaram em *Quase ministro* (“mesmos cavalheiros dos antigos saraus”), ou seja, Morais Tavares, Manuel de Melo, Ernesto Cibrão, Bento Marques, Insley Pacheco, Artur Napoleão, Muniz Barreto e Carlos Schramm. (Cf. ASSIS, 2003, p. 237)

Para explicar a ausência de personagens femininas na comédia, escreveu:

Uma das condições impostas ao autor desta comédia, e ao autor de *Luís*, era que nas peças não entrassem senhoras. Daqui vem que o autor não pôde, como lhe pedia o assunto, fazer intervir as deusas do Olimpo no debate e na deserção dos seus pares. Os que conhecem estas coisas avaliarão a dificuldade de escrever uma comédia sem damas. Era menos difícil a Garrett e a Voltaire, pondo em ação as virtudes romanas e as lutas civis da república, dispensar o elemento feminino. (ASSIS, 2003, p. 370)

Nos saraus não eram admitidas mulheres, razão pela qual as peças neles representadas não podiam ter personagens femininas: Machado de Assis teve de submeter-se a essa exigência, assim como Ernesto Cibrão, o “autor de *Luís*”. Ernesto Pego Kruger Cibrão nasceu em Valença do Minho (Portugal), em 1836, e veio para o Rio de Janeiro em 1858; era guarda-livros, poeta e dramaturgo. (Cf. SOUSA, 1960, t. II, p. 176) *Luís* foi seu primeiro drama, em três atos, representado no Ginásio Dramático, Rio de Janeiro, em 1859. Na ocasião, Machado de Assis fez crítica elogiosa à peça e ao

autor nas crônicas da “Revista de Teatros”, que mantinha em *O Espelho*. (Cf. ASSIS, 2009, p. 91-92) Em 1870, quando publicou *Falenas*, Machado de Assis incluiu no livro o poema “Menina e moça”, que dedicara a Ernesto Cibrão. O amigo havia respondido com outro poema, “Flor e fruto”, que Machado de Assis publicou também em seu livro. (Cf. ASSIS, Machado de, [1870], p. 212-213)

As peças compostas por Almeida Garrett e Voltaire, tragédias extensas, que não continham personagens femininas, são, respectivamente, *Catão*, levada à cena pela primeira vez em 1821, e *La mort de César*, representada pela primeira vez em 1743. (GARRETT, 1963, v. II, p. 1607-1777; VOLTAIRE, 1767, p. 1-72)

O autor de *Os deuses de casaca* já havia, em 1864, se manifestado a favor da presença de senhoras nesses saraus; Jean-Michel Massa afirma que, por essa ocasião, “Machado de Assis se tornou um ardente propagandista do feminismo”. Na *Imprensa Acadêmica*, de São Paulo, em maio de 1864, escrevera ele: “Eu de mim digo que acho acertada a presença de senhoras [nos saraus].” (ASSIS, in: MASSA, 1965, p. 184)

O poeta leva o assunto da ausência de damas na peça, consequência da ausência delas nos saraus, à própria peça. Na fala do Prólogo, vem esta passagem, em que se refere ao autor:

O poeta, apesar de cingir-se à poesia,  
Não fez entrar na peça as damas. Que porfia!  
Que luta sustentou em prol do sexo belo!  
Que alma na discussão! que valor! que desvelo!  
Mas... era minoria. O contrário passou.  
Damas, sem vosso amparo a obra se acabou!  
(ASSIS, 2003, p. 375)

No tocante ao conteúdo e à forma da comédia, com a presença de deuses olímpicos no Rio de Janeiro moderno, que falam em versos alexandrinos, Machado de Assis alerta o leitor:

O autor não quis zombar dos deuses, não quis fazer rir os espectadores à custa dos antigos habitantes do Olimpo. Esta declaração é necessária para avisar aqueles que, dando ao título da comédia uma errada interpretação, cuidarem que vão ler um quadro burlesco, à moda do *Virgile travesti* de Sacarron. (ASSIS, 2003, p. 370)

A leitura equivocada do título da comédia, a que Machado de Assis se refere, consiste no entendimento de que a comédia seja burlesca, use a zombaria para provocar o riso. O *Virgile travesti*, publicado entre 1648 e 1652 por Paul Scarron (1610-1660), é um poema narrativo, em versos octossílabos (ligeiros, portanto), do gênero burlesco, paródia da *Eneida*, de Virgílio. (Cf. SCARRON, 1786; ENCICLOPÉDIA e dicionário internacional, v. XVII, p. 10409-10410, s.d.) A peça machadiana não é isso; ele preferia as comédias ditas “elevadas”, em detrimento das formas mais populares do cômico. A presença dos deuses em cena, por si só, é sinal de elevação; não se está, pura e simplesmente, ao nível do chão. Os deuses, é verdade, estão decaídos, encontram-se mergulhados no mundo moderno e seu prosaísmo.

Diz o texto preliminar: “O autor fez falar os seus deuses em verso alexandrino: era o mais apropriado.” (ASSIS, 2003, p. 370) Machado de Assis defende o verso, como Castilho; ele reconhece, entretanto, que este verso tem “seus adversários” – e não será difícil achá-los nas proximidades do escritor. Em 1862, Machado de Assis publicou em *O Futuro*, periódico literário criado e dirigido por Faustino Xavier de Novais, o poema em versos alexandrinos “Aspiração” (ASSIS, 1862, p. 65-66) – uma epístola em que buscava comunicação com o amigo, “exprimia seu impasse, o vazio de sua alma”. “Novais não compreendeu este dramático apelo. Respondeu ao poema de Machado de Assis tomando as mesmas rimas, em *Embirração*, uma poesia contra o alexandrino, sem escarnecer diretamente do autor, mas também sem responder a esta epístola poética.” (MASSA, 1971, p. 354 e p. 355, respectivamente) O poema “Embirração” saiu no mesmo número de *O Futuro* em que foram publicados os versos de “Aspiração”, às páginas 67-68. Um terceiro poeta, Luís Delfino, no número seguinte de *O Futuro*, saiu em defesa de Machado de Assis com o poema intitulado “O verso alexandrino”, que dedicou a Faustino Xavier de Novais. (DELFINO, 1862, p. 104-106)

Quando menciona a defesa castilhiana do alexandrino, Machado de Assis cita as *Epístolas à Imperatriz* [do Brasil, d. Teresa Cristina], que Antônio Feliciano de Castilho redigiu em versos alexandrinos e deu a público: a primeira, datada de 3 de abril de 1855, pedindo a intercessão da Imperatriz em favor de um colono português, idoso, pai de família, residente no Rio Grande do Sul, que estava condenado por homicídio; a segunda, datada de 10 de agosto de 1857, agradecendo a concessão do indulto imperial. (Cf. CASTILHO, 1856; CASTILHO, 1863, p. 33-55)

A respeito dos alexandrinos, Machado de Assis expressou seu desejo de que esse verso viesse “a ser finalmente estimado e cultivado por todas as musas brasileiras e portuguesas” (p. 370) – o que acabou acontecendo com sua adoção pelos poetas parnasianos, a partir da década de 1880. (Cf. BANDEIRA, 1938; RAMOS, 1967) Sobre o papel de Machado de Assis no Parnasianismo brasileiro, afirma Péricles Eugênio da Silva Ramos:

A influência de Machado de Assis não se exerceu apenas com o conselho dado a Alberto de Oliveira [no ensaio “A nova geração”], nem tampouco com o exemplo de sua própria poesia. Exerceu-se com toda a sua crítica, que vinha exigindo, ao longo do tempo, correção métrica e gramatical, precisão vocabular, economia da composição e sobriedade de imagens. A correção métrica, requerida por Machado de Assis, era a que se conformava com o *Tratado de Metrificação* de Castilho; basta ver que Machado considerava errôneo o alexandrino “arcaico”, tão usado pelos nossos românticos, simplesmente porque Castilho não o registrara. (RAMOS, 1967, p. 20)

Se o alexandrino se estabeleceu entre os poetas daquela geração, não deixou de existir aversão a esse verso. No “Prólogo” às *Folhas de outono* (1883), Bernardo Guimarães ainda resistia:

Aos antigos e variadíssimos metros tão vantajosamente usados na poesia portuguesa, vai-se substituindo o domínio quase exclusivo do verso alexandrino, que bem se pode chamar o balão da moderna poesia; o metro das palavras balofas e retumbantes; dos plurais enfáticos – como eternidade – imensidade; – das sinonímias intermináveis, metro, que reclama, não por necessidade ou elegância, mas para encher medida, o emprego da conjunção *e* a cada passo; metro enfim de incontestável monotonia. (GUIMARÃES, 1959, p. 330)

Sobre o verso empregado na comédia *Os deuses de casaca*, Machado de Assis afirma, fechando o seu texto preliminar:

O autor teve a fortuna de ver os seus *Versos a Corina*, escritos naquela forma, bem recebidos pelos entendedores. Se os alexandrinos desta comédia tiverem igual fortuna, será essa a verdadeira recompensa para quem procura empregar nos seus trabalhos a consciência e a meditação. (ASSIS, 2003, p. 371)

O poema “Versos a Corina”, a que Machado de Assis se refere, foi publicado em *Crisálidas* (1864). O escritor, por essa composição, tornou-se de tal modo conhecido,



que passou a ser chamado, por antonomásia, o poeta de Corina. Trata-se do poema mais extenso do livro, dividido em seis partes, composto em diversos metros: a primeira parte começa em versos alexandrinos, tem um segmento em versos de sete sílabas e termina por uma quadra em alexandrinos; a segunda parte começa com uma série de quadras decassilábicas, seguidas por um trecho em versos de sete sílabas, e termina por três quadras decassilábicas; a terceira começa por quadras decassilábicas, seguidas por um trecho em versos alexandrinos e por uma última quadra decassilábica (apenas as quadras decassilábicas iniciais passaram de *Crisálidas* às *Poesias completas*, publicadas em 1901; os demais versos foram suprimidos); a quarta é toda composta em quadras de versos alexandrinos; a quinta é composta por quintilhas decassilábicas; e, por fim, a sexta parte começa com versos alexandrinos e termina em versos hexassilábicos. O poema, portanto, conforme sugere o texto preliminar de *Os deuses de casaca*, não está composto exclusivamente em versos alexandrinos.

O poeta de *Os deuses de casaca* termina seu texto preliminar deslocando o foco de interesse da comédia propriamente dita para o verso no qual ela foi composta, o que não deixa de ser sinal da candência no debate sobre essa questão de técnica poética naquele tempo.

### MACHADO DE ASSIS ON *OS DEUSES DE CASACA*

**Abstract:** This paper analyzes the text that precedes the comedy *Os deuses de casaca*, by Machado de Assis, in the 1866 edition. In this text, the author explains the circumstances in which the play was written, and gives some explanations about the theme of the play – in which the decadent Olympic gods are imagined living in Rio de Janeiro at that time.

**Keywords:** Brazilian literature, Brazilian theater, comedy, Machado de Assis.

### Referências

ASSIS, Machado de. Aspiração. *O Futuro*, Rio de Janeiro, ano I, n. II, p. 65-66, 1º out. 1862.

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.

ASSIS, Machado de. *Os deuses de casaca*. Rio de Janeiro: Tipografia do Imperial Instituto Artístico, 1866.

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. *Teatro*. Coligido por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.

ASSIS, Machado de. *Teatro*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1955.

ASSIS, Machado de. *Teatro completo*. Texto estabelecido por Teresinha Marinho com a colaboração de Carmen Gadelha e Fátima Saadi. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1982.

ASSIS, Machado de. *Teatro*. São Paulo: Globo, 1997.

ASSIS, Machado de. *Teatro de Machado de Assis*. Edição preparada por João Roberto Faria. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *O espelho*. Organização, introdução e notas por João Roberto Faria. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

ASSIS, Machado de. O Progresso (Hino da mocidade). *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 1, p. 29-32, jan.-jun. 2018.

Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/machadiana/article/view/17690/13311>>. Acesso em: 19 set. 2019.

BANDEIRA, Manuel. (Org.) *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938.

CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Tratado de metrificacão portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851.

CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Epístola a sua Majestade a senhora Imperatriz do Brasil d. Teresa*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1856.

CASTILHO, Antônio Feliciano de. *O outono*: coleção de poesias de Antônio Feliciano de Castilho. Lisboa: Imprensa Nacional, 1863.

DELFINO, Luís. O verso alexandrino. *O Futuro*, Rio de Janeiro, ano I, n. III, 15 out. 1862. p. 104-106.

*ENCICLOPÉDIA e dicionário internacional*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, s.d. 20v.

*EXPOSIÇÃO Machado de Assis: centenário do nascimento de Machado de Assis – 1839-1939*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1939.

FARIA, João Roberto. Ed. *Teatro de Machado de Assis*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GARRETT, Almeida. *Obras*. Porto: Lello & Irmão, 1963. 2v.

GUIMARÃES, Bernardo. *Poesias completas de Bernardo Guimarães*. Organização, introdução, cronologia e notas por Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1959.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 4v.

MASSA, Jean-Michel. *Dispersos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. Trad. Marco Aurélio Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MIRANDA, José Américo, CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 1, p. 65-73, jan.-jun. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/machadiana/article/view/17698/13334>>. Acesso em: 19 set. 2019.

MOREIRA, Thiers Martins. A contagem do verso em português (um erro histórico generalizado). In: BARBADINHO NETO, Raimundo. (Org.) *Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)*. Rio de Janeiro: Simões, s.d. p. 247-255.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. (Org.) *Poesia parnasiana: antologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

RÓNAI, Paulo. *Não perca o seu latim*. Com a colaboração de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 15ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SCARRON *Oeuvres de Scarron*. Nouvelle édition. Paris: Jean-François Bastien, 1786. t. IV.

SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: MEC, Instituto Nacional do Livro, 1955.

SOUSA, J. Galante de. Bibliografia. In: ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Edição crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. p. 23-44.

VIRGÍLIO. *Nova tradução das églogas de Virgílio*, com notas e uma notícia da vida do poeta por A. T. M. Porto: Tip. da Viúva Alvarez Ribeiro & Filhos, 1825.

PINTO, Nilton de Paiva. Machado de Assis sobre *Os deuses de casaca*.

VOLTAIRE. *Oeuvres de theatre de M. de Voltaire*. Nouvelle édition. Tome troisième. Paris: Veuve Duchesne, 1767.